

# PEQUENA LOJA DE CACARECOS DO CORAÇÃO

Loyana Camelo

Copyright © Secretaria de Estado de Cultura, 2014

EDITOR **ANTÔNIO AUSIER RAMOS**

COORDENAÇÃO EDITORIAL **JEORDANE OLIVEIRA DE ANDRADE**

CAPA **ÂNGELO LOPES**

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO **ANDRÉ MARTINS**

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA **GRÁFICA ZILÓ LTDA.**

REVISÃO **SERGIO LUIZ PEREIRA**

NORMALIZAÇÃO **EDIANA PALMA**

**PROJETO EDITORIAL - VERSÃO ELETRÔNICA LUIZ FELIPE | KARLA COLARES**

C183p Camilo, Loyana.

**Pequena loja de cacarecos do coração** / Loyana Camilo. – Manaus: Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado de Cultura, 2014.

74p. ; 15x21cm – (Coleção PROARTE Literatura).

ISBN 978-85-65409-53-7

1. Literatura Brasileira – Crônica. I. Título. II. Série.

CDD 869.4

CDU 82-94(81)

2014

**EDITORA ZILÓ**

Rua Ilídio Lopes, 82 - Japiim, AM, 69078-530

Tel.: [92] 2126-2300

[WWW.GRAFICAZILO.COM.BR](http://WWW.GRAFICAZILO.COM.BR)

# SUMÁRIO

Apresentação .....	7
Introdução .....	9
<b>PEQUENA LOJA DE CACARECOS DO CORAÇÃO .....</b>	<b>11</b>
À moda antiga.....	13
Amanhã ou depois.....	17
Cores de Frida Kahlo.....	21
Desilusões.....	25
Despedida iminente.....	27
Distância segura.....	31
Espelho da alma.....	35
Fragmento de pessoa.....	39
Garotas simples <i>versus</i> garotas complicadas.....	45
Loja de cacarecos.....	49
Mais do que palavras.....	53
Matar um grande amor.....	57
Namoro unilateral.....	61
Nó na garganta.....	65
Onda de calor.....	69

## À MODA ANTIGA

*É engraçado mas  
Eu tenho o pressentimento que estamos dançando  
Da mesma forma que nossos pais dançavam  
(The Old Fashioned Way, Charles Aznavour)*

Eu volto carregando algo que não sei o que é, talvez não seja nada e na verdade essa é a maior probabilidade. Eu volto carregando nada. Eu volto carregando o vazio. Eu volto para ver os cenários de um show que já deveria ter encerrado há tempos. Cidade que parece ter encolhido... Horas que se esticam.

Dirijo observando a mesma paisagem já cansada. As mudanças ficam somente por conta das construções nas ruas que, no momento, mais atrapalham do que ajudam. Fica difícil ver algum benefício além. Além daquela confusão.

Voltei para casa ouvindo “Moon River”, na voz do Frank Sinatra. Era um daqueles *happy hours* com o pessoal do trabalho que geralmente ocorrem nas sextas, quando nosso pensamento está adiantado dois dias (sábado e domingo) e só mesmo um momento de descontração como esses para voltar a mente para o momento atual.

Pois é, na maioria das vezes, após alguns copos, os pensamentos acabam por se confundir. São muitas risadas, papos intelectuais, besteiras, planos, lembranças... chega um, chega outro, a mesa fica pequena, traz mais cadeiras, traz mais uns copos, conta aquela história, lembra daquela situação etc.

Era um daqueles barzinhos ao ar livre. A lua se exibia orgulhosa, estava grande, gorda, branca... De vez em quando, em meio aquela maçonaria particular, eu me distraía só de pensar

que aquela mesma lua estava se exibindo em outras partes do país, onde eu desejaria estar mais do que em qualquer outro lugar do mundo, muito mais do que naquela mesa de bar rodeada de amigos bem-humorados.

Não sei se isso é egoísmo. Não encarei desse jeito. Uma vez, conversando com uma ex-colega de faculdade a respeito de findos namoros, ela solta algo que vira e mexe eu me lembro. Quando você sente falta de alguém, seja lá qual for a situação – o que inclui festa de aniversários de 80 anos, batizados, missas, arraial, show, trabalho, mesa de bar – é porque ainda dá pé. É porque ainda vale a pena dormir e acordar com a ideia fixa de trazer aquela pessoa para o mais perto impossível.

De todas as coisas fúteis que nos rodeiam – e não são poucas – creio que ficar com um alguém qualquer esteja no topo dessa lista, só pelo desejo momentâneo de fazê-lo. É por isso que, no meio disso tudo, eu me surpreendo quando encontro uma alma compatível. Ao ouvir “Moon River”, lembrei das vezes em que estive trabalhando, estudando, chorando ou sorrindo; momentos tão volúveis da vida; e quis mais do que tudo dividir apenas o momento de olhar a lua.

Como uma semana, tão dolorida, pode demorar eras; e quanto mais eu gostaria que as horas, os dias, os meses se arastassem para que não esquecesse o cheiro, o gosto, o rosto, mais parece que eles voam?

O medo de esquecer as coisas especiais sempre atormenta. A gente tenta buscar no fundo da memória um jeito de refrescar os pensamentos, de se transportar para os momentos mais preciosos como uma maneira de não deixar apagar a chama que nos faz querer vencer obstáculos para revivê-los.

É difícil, no entanto o ser humano sempre cai nessa armadilha bem bolada (e traiçoeira), deixando para trás o que lhe movia, para dar lugar à comodidade e ao conformismo. Estes, por si, afastam ainda mais a paixão... Por coisas, pessoas, lugares e sonhos.

Gostaria de culpar os filmes de comédia romântica, as músicas melosas e todo aquele apelo hollywoodiano que rodeia nossas vidas para explicar porque eu me sinto como uma das últimas passionais ainda de pé em meio a todo esse turbilhão que vivemos diariamente e que, é claro, me fazem sentir *à moda antiga*.

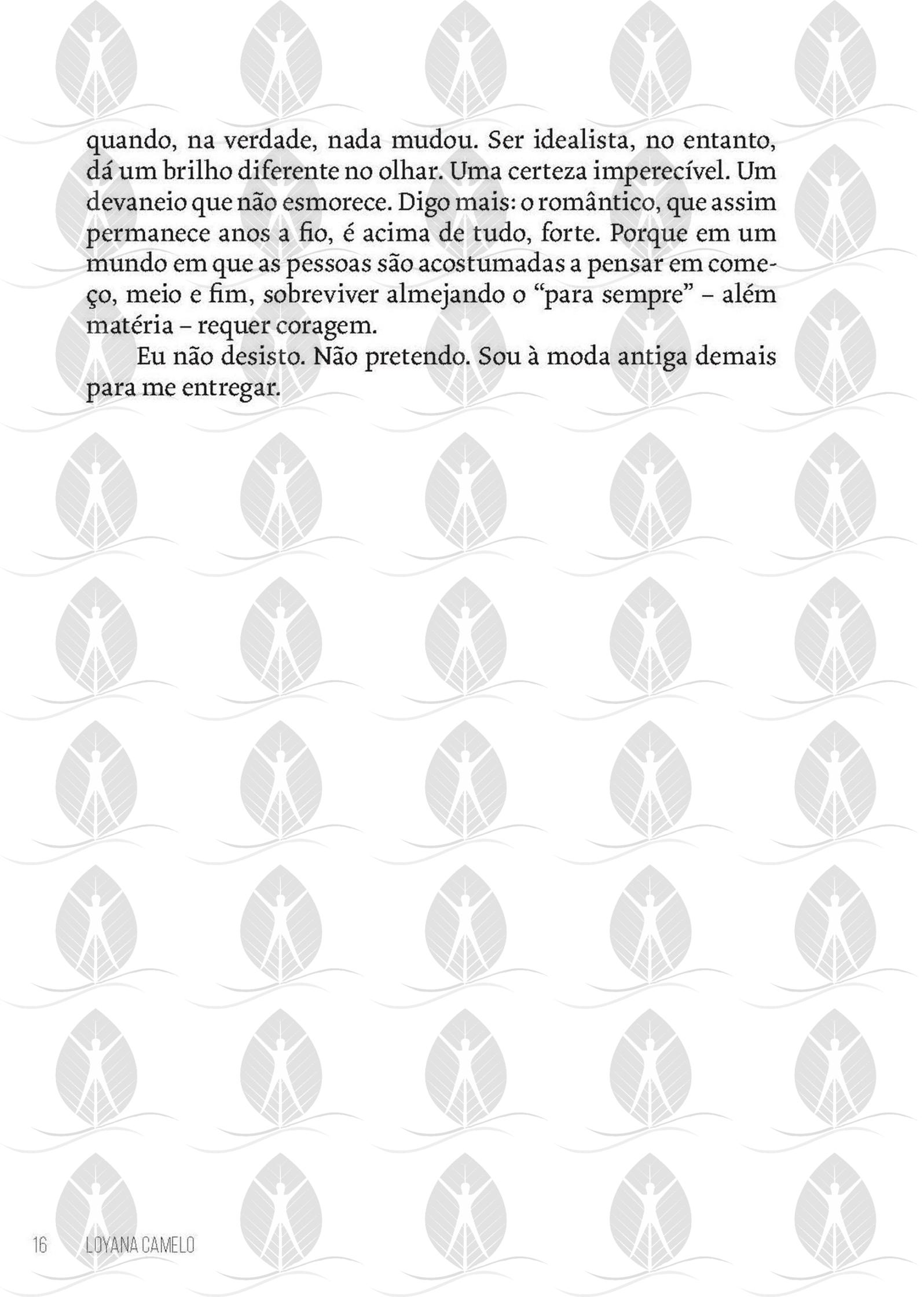
Eu sempre me identifiquei com o amor de uma forma quase onírica. Não aprendi a diminuir o sentido cultural novelístico-literário da palavra. Tinha a ideia pueril, enquanto estava crescendo, de que não tinha sorte no amor porque algo muito especial estava à espreita, que eu poderia achar bem ali, a qualquer momento, quando fosse dobrar a esquina.

Cresci assim. Sem pretendentes, sem fugidas da mãe para namorar tarde da noite, sem declarações de amor na internet, sem nada. Acostumei-me a ser a garota engraçada, mas nunca a mais bonita da sala.

Sempre fui idealista, daquelas sonhadoras que quebram constantemente a cara quando entram em contato com a realidade. Idealizo com todas as minhas forças aquele beijo de manhã, aquele abraço, aquele cinema no fim da tarde, aquela surpresa em plena quarta-feira, aqueles elogios jocosos que só existem mesmo para deixar a gente convencida de que é importante, bonita, indispensável para alguém. Esse mundo de fantasia muito me atrai e deve atrair a muita gente também.

O problema é que nada do que se vê na televisão chega perto da vida real. Na vida real, ninguém se preocupa em aproveitar um feriado no meio da semana para ficar com a namorada como se fosse uma oportunidade única de fazer algo diferente. Na vida real, pouquíssimos mandam flores sem motivo. Mais raros ainda fazem questão de estar ao lado da amada, segurando sua mão o tempo todo, sendo gentil, carinhoso, atencioso e amando cada traço de sua personalidade.

Anos já se foram. Já vivi grandes decepções, já fiquei por baixo durante muito tempo acreditando que tudo ia mudar



quando, na verdade, nada mudou. Ser idealista, no entanto, dá um brilho diferente no olhar. Uma certeza imperecível. Um devaneio que não esmorece. Digo mais: o romântico, que assim permanece anos a fio, é acima de tudo, forte. Porque em um mundo em que as pessoas são acostumadas a pensar em começo, meio e fim, sobreviver almejando o “para sempre” – além matéria – requer coragem.

Eu não desisto. Não pretendo. Sou à moda antiga demais para me entregar.

## AMANHÃ OU DEPOIS

*Devagar, criança louca.*

*Você é tão ambiciosa para uma jovem.*

*Mas se é tão esperta, me diga, por que continua com tanto medo?*

*Onde está o fogo? Pra quê a pressa?*

*É melhor você se acalmar antes que você se perca*

*Você tem muito o que fazer em tão poucas horas de um dia...*

*(Vienna, Billy Joel)*

Ela acorda num pulo. O colchão na sala ainda é reflexo da mudança recente, apressada, porém muito desejada pelos dois. Dos poucos móveis daquele apartamento, a cama não está entre os que fazem irresistível falta, mesmo que visto por muitos como de segundas, terceiras, quartas necessidades...

O piano, este sim, é fundamental para ela. Representa uma lembrança vívida da casa da mãe. Ao contemplar a vida nova que construía, tão jovem, sentia um arfar desconcertante que mesclava empolgação digna de menina brincando de gente grande com o medo de acordar na incerteza. Sem sentir o cheiro do café vindo da cozinha de seus pais. Mulher, agora ela escolhe por onde andarão seus pés.

Deixando os lençóis e o lindo moço que amava dormindo, ela corre para sentar ao piano. Ainda bem que não só este ficou de herança do conhecido, do aconchegante: contava com uma bela voz, belo sorriso, belos olhos que relembravam a mãe... E para elogiá-la, o lindo moço que a amava.

Vencendo as vicissitudes do cotidiano, pouco a pouco, ela decide driblar o sentimento de ansiedade que a acompanha, timidamente, há muito tempo. Seria injusto continuar assim

quando obrigada a crescer, ainda mais ao lado de alguém tão cheio de boa vontade em acompanhá-la.

Sentada ao piano, ela olhava o lindo moço que amava dormindo... Amava-o como ele era, com cabelos grandes, curtos, raspados, bagunçados, arrumados. E o amaria o resto da vida, até o encontro conjunto em um plano metafísico.

Escrevia, compunha. Apagava, rabiscava. Voltava atrás, mudava de ideia. Percebia que os escritos raivosos se rendiam ao clichê de estar apaixonada. O piano, o caderno de anotações e a caneta eram os melhores terapeutas em momentos difíceis. Porque escrever é a melhor forma de organizar pensamentos e a música é uma forma de eternidade... duas artes tão distintas mas que tanto se completam, também enchem a alma de quem as admira. O lindo moço era compreensivo; entendia que, ao seu lado, o dia começaria e terminaria com toques agudos no piano e papéis amassados pelo chão.

Eles brigavam, ela saía, sentava na varanda e fazia cara de emburrada. Ele viria, tocava seu ombro e, levemente, com um beijo na testa, desfazia qualquer mal-estar. Ela tentava resistir, geniosa como só seu signo poderia ser, mas daquele belo sorriso que amava saía uma gargalhada gostosa, tornando difícil sustentar qualquer pose de irritada.

Amanhã, ou depois... o amaria. Deixava de lado os escritos raivosos. Amassava mais alguns papéis. Não, a metade da laranja parecia muito batida. Ela diria: "Você simplesmente tinha que aparecer. Não sei se na forma de laranja, tampa de panela, pinguim ou qualquer animal monogâmico: é você".

Muitos não traem por respeito à suposta fidelidade, convenção da sociedade. Em contrapartida, não valorizam seus companheiros. Para ela, não era preciso nem casar, fazer juras de amor perante o padre, a família, convidados. Amava-o amanhã, depois... Ainda o amaria o resto da vida. Traí-lo seria trair seu coração. Então, não seriam mãos, braços, beijos e abraços



## **AVISO**

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.  
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO  
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL  
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A  
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO  
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

**FONE: (92) 2125-5330**

**FAX: (92) 2125-5301**

**EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)**



**Secretaria de  
Estado de Cultura**



**CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA**